

# O RECOLHIMENTO INTERIOR

## O ENCONTRO COM DEUS QUE CRIA COMUNIDADE

A qualidade dos relacionamentos humanos depende da capacidade de recolher-se, de cultivar a interioridade e de proteger o nosso íntimo mistério. Estamos a falar do recolhimento interior, de uma qualidade ou atitude interior que não está reservada aos monges ou aos eremitas. De facto, pode existir, manter-se e desenvolver-se mesmo no centro das grandes cidades, no meio das ruas cheias de gente e dentro do contexto de uma vida ativa e produtiva. Cultivando este recolhimento interior podemos distinguir o estado interior do nosso espírito: se estamos a viver o vazio irrequieto de um doloroso isolamento ou se estamos a gozar um sereno recolhimento.

O desenvolvimento desta sensibilidade interior é o início da vida espiritual porque nos dispões a escutar as vozes que surgem dentro de nós; produz aquela paz interior que nos aproxima dos outros, desapegados de tudo, oferecendo-lhe uma sincera amizade. De facto, a nossa insegurança, leva-nos a procurar os outros com ansiedade e apego; e onde existe o apego, não há verdadeira liberdade interior e nem capacidade acolher os outros livremente, sem sentir-se presos.

O recolhimento interior permite uma proximidade livre de apegos e abre a possibilidade de oferecer a nós próprios gratuitamente e construirmos a comunidade do amor. Muito pelo contrário, quando nos aproximamos dos outros avidamente, para atrair a sua atenção, para suscitar o seu afeto, enfim, para satisfazer o nosso vazio interior, acabamos por os dominar.

O recolhimento interior é fonte da amizade e da vida comunitária. Sem ele, qualquer relacionamento se torna pobre, ávido e sufocantes porque procuramos os outros para satisfazermos os nossos desejos pessoais, muitas vezes escondidos. O recolhimento respeita a personalidade individual de cada pessoa, convida a cada um entrar nesse mesmo respeitoso silêncio. É no recolhimento que cada um poderá descobrir a voz de Deus que o impele a viver uma comunhão que vai além da simples convivência humana. É no recolhimento que poderemos tomar consciência da presença d'Aquele que nos aproxima a todos no mesmo abraço, oferecendo a liberdade de um amor gratuito e sem apegos.

Amizade e comunidade nascem a partir do interior; é o encontro pessoal com Deus, que nos liberta de todo o apego e produz relacionamentos humanos livres e cheios de uma alegria, que são sinais de uma realidade muito mais

ampla. Amizade e comunidade não se podem programar, só é possível criar um espaço a partir do interior, onde podem ser acolhidas e cultivadas.

A amizade e o amor respeitam sempre a individualidade pessoal. Ninguém está obrigado a dizer que tudo, mas cada um é chamado a proteger a sua própria interioridade e a interioridade dos outros. Mesmo na vida conjugal é necessário este respeito recíproco. Os esposos não são obrigados a dizer-se tudo, a ter uma abertura total, sem secretos, o que tornaria o relacionamento superficial, vazio de conteúdo, cansativo e, enfim, tormentoso. A criação de confins seguros, de proteção e respeito recíproco, permite uma descoberta sempre nova e surpreendente do outro.

É pura ilusão pensar que a solidão existencial possa ser vencida ou suavizada pelos relacionamentos humanos. A verdade é que só Deus pode entrar nesta intimidade, tornar-se nosso companheiro e infundir nela a Sua Paz.

O nosso tesouro mais precioso está escondido no coração: é a morada de Deus. Só Deus, que lá habita pode infundir serenidade e paz. É este o recolhimento interior que alimenta todos os relacionamentos humanos e os torna livres de apegos. A partir desse centro, podemos nos aproximar dos outros, não avidamente, mas lhes oferecer a nós próprios para contruirmos juntos a comunidade do amor. O recolhimento é libertador, não nos arrasta para longe dos nossos irmãos, mas nos liberta e torna possível a verdadeira amizade.

Tomas Merton que passou longos anos de vida eremítica, escreveu no seu diário: «*Nesta solidão profunda descubro a doçura de poder amar realmente os irmãos. Quanto mais vivo recolhido em solidão, tanto mais cresce o meu afeto para com eles. Um afeito puro e cheio de reverência para a solidão dos outros*» (Tomás Merton, O Sinal de Jonas, p. 261)

Este recolhimento serve para protegermos a nossa realidade interior e para respeitarmos a dos outros. Este respeito mútuo torna fecundos os nossos relacionamentos humanos. É este, de facto, o lugar da comunhão, que nos liberta de todos os apegos e torna possível a verdadeira amizade.

Quanto acontece no profundo do coração tem a dimensão da delicadeza, da vulnerabilidade e de poética beleza, não há palavras suficientes para a explicar e, por isso, não pode suportar uma exposição pública descuidada. Torná-la pública seria banalizá-la.

A solução da nossa solidão existencial não se encontra nos relacionamentos humanos. É necessário aceitá-la, não como um peso, ma como uma vocação. É o lugar da comunhão com Deus, uma comunhão que começa neste mundo e se completa na eternidade. É verdade que o nosso vazio interior, os nossos desejos insatisfeitos, tocam níveis tão profundos, mas a solução não se encontra nos seres humanos, mas no sacrário do nosso coração, onde Deus

habita. Quando a procuramos nos outros, com a secreta esperança que iremos encontrar, finalmente, alguém capaz de nos libertar do nosso vazio interior, nos aventuramos em relacionamentos tormentosos e sufocantes.

A verdadeira amizade e o amor não surgem em corações ansiosos e apegados, mas em coração pacificados e libertos de todos os apegos. É o Espírito Santo que cura os corações feridos, é Ele que nos liberta e pacifica e cria dentro de nós um espaço aberto, onde possa surgir a verdadeira comunidade.

Não pode haver uma verdadeira comunidade sem uma saudável solidão. Não pode haver uma verdadeira abertura se esta não brotar a partir do interior. Qualquer relacionamento humano inclui a capacidade de estar sós. Lá, no coração podemos estar presentes a nós mesmos, escutar atentamente as vozes que nos habitam e, lentamente, distinguir, entre as muitas vozes, a voz incessante do Espírito Santo que grita «Abbá, Pai», e nos coloca diante d'Aquele que nos trata como «filhos amados».

Sim, lá no coração nasce a verdadeira comunidade, pois é lá que a presença de Deus nos liberta de todo o apego e nos preenche de amor e de paz. É a vida nova do Espírito, uma comunhão que nos desprende, e nos aproxima dos outros, oferecendo-lhes um amor incondicional.